

Catequeses Teresianas

XVII

Para Teresa, Jesus é que abriu a porta para as quintas Moradas. Como o bicho-da-seda se encerra no casulo para morrer e renascer como borboleta, assim o orante é convidado a encerrar-se em Cristo para morrer a si próprio e renascer para Deus, para uma vida nova, a do amor. E Teresa confirma-o, muito a propósito, citando S. Paulo (Cl 3,3-4): “Crescida esta lagarta, começa a fabricar a seda e a edificar a casa onde há-de morrer. Esta casa – quereria eu dar a entender aqui – é Cristo. Em qualquer parte me parece ter lido ou ouvido que a nossa vida está escondida em Cristo ou em Deus..., ou que a nossa vida é Cristo. Pois vede aqui, filhas, o que podemos fazer com o favor de Deus: que Sua Majestade mesmo seja nossa morada, como o é na oração de união, edificando-a nós mesmas! Parece que quero dizer que podemos tirar e pôr alguma coisa em Deus, pois digo que Ele é a morada e que a podemos fabricar para nos metermos nela. Oh! Se o podemos! Não tirar ou acrescentar em Deus, mas tirar e acrescentar em nós, como fazem estas pequenas lagartas” (5M 2,2-5). Morre o *eu* velho narcisista, habituado a fazer a própria vontade por cima de todos e faz a vontade de Deus: “A verdadeira união pode-se muito bem alcançar... não tendo a vontade senão atada com o que for a vontade de Deus” (5M 3,3). Acontece na cruz, lugar de morte e de amor, de doação de vida: de morte, pelo vazio deixado ao converter o *eu*; de vida, pela capacidade de amar. O amor nasce da vontade e frequentemente faz subir à cruz. A entrada de Jesus na nossa vida, como a entrada do esposo na vida da esposa, descentra o nosso *eu*, num movimento de dar e receber. É “uma morte saborosa” (5M 1,4), porque, ao dar, me reencontro com um eu renascido.

P. Armindo Vaz, OCD